

“Sem mudanças, haverá recessão”

**Da sucursal do
ABC**

“Não creio que estejamos em condições de questionar a política econômica interna. Nossa esperança é de que ela realmente produza, a médio prazo, uma redução do índice inflacionário. Na verdade, a única coisa que eu poderia questionar é se a dose das medidas antiinflacionárias não foi um pouco elevada nos primeiros meses do ano. O que se questiona é apenas a dose.” A afirmação é de André Beer, diretor executivo da General Motors, indústria que integra um setor que registrou uma queda de 40,2% no primeiro trimestre do ano em suas vendas no mercado interno. Mesmo considerando que algumas áreas econômicas estão tendo dificuldades, André Beer ainda não admite a palavra recessão. “É difícil se falar nisto, quando se fala em crescimento. Se a economia ficar do jeito que está até o final do ano, aí sim será recessão. Mas ainda estamos em abril” — observa o diretor da GM.

Ao analisar a situação da indústria automobilística, André Beer coloca que “o que se está vendo é uma redução da nossa atividade comercial, que também se pode chamar de parte do desaquecimento”. Para ele, as causas principais são a restrição na expansão do crédito; o descompasso existente entre os aumentos de custos, os

quais provocam naturalmente aumento de preços; e ainda o aumento exagerado nos custos de financiamentos. “Em contrapartida — completa —, não houve o mesmo crescimento do poder aquisitivo. E há outro problema: os preços dos carros usados não terem evoluído nas mesmas proporções dos carros novos”.

Mas André Beer acredita numa recuperação do mercado a partir dos próximos meses, pois “os desajustes vão ser corrigidos com este recente aumento salarial, haverá uma menor restrição da expansão do crédito e ainda virão os resultados da safra”. Sobre as medidas práticas adotadas pela fábrica para enfrentar as atuais dificuldades, o diretor executivo da GM confirma que já foram efetuados cerca de 1.500 demissões, entre as unidades de Cachoeiro do Sul e São José dos Campos, além da programação de férias setoriais aos empregados ligados à produção, de 15 de abril a 3 de maio, visando a contrabalançar os estoques.

RECESSÃO SETORIAL

O empresário Mário Milani, diretor-presidente da Fram do Brasil Ltda, fábrica de autopeças instalada em São Bernardo do Campo, entende que o País passa por uma recessão setorial que envolve especialmente os bens duráveis, a exemplo de automóveis e eletrodomésticos, em razão de uma política de “crédito restrito

e dinheiro caro”. Entretanto, na sua opinião, as medidas do governo estão corretas, mas é preciso que ele saiba dosá-las.

Milani afirma que o pior já passou, mesmo que o setor de automóveis e autopeças venha a enfrentar uma queda de vendas de 25% este ano, em relação a 80, como os empresários estimam. “O limite de expansão ao crédito, fixado em 55% neste ano, foi limitado em 5% no primeiro trimestre e no atual em 9%. Assim, a tendência é de melhora a partir de agora e, principalmente, no segundo semestre, quando teremos 41% de expansão”, frisa.

O empresário acredita que o Brasil não atingirá a recessão como um todo, “mesmo porque o governo não permitirá uma situação neste nível”, já que o produto interno bruto deve crescer de 1 a 2% no setor industrial e de 8 a 9% na agricultura. A restrição de financiamentos que vivemos, para compra de automóveis, afugentou o consumidor. Se ocorrer uma liberação, o mercado vai se ajustar, porque as vendas aconteceriam, apesar dos preços elevados, se o financiamento fosse ampliado para 36 meses. Ao consumidor interessa saber quanto pagará no final de cada mês”.

PROCESSO RECESSIVO

Ainda no ABC, o presidente da Associação Nacional de Pequenas e Médias

Empresas Industriais—Anapemei —, Cláudio Rubens Pereira, afirma que “o Brasil está, sem dúvida, enfrentando um processo recessivo em sua economia”. Na sua opinião, o principal problema enfrentado pelos empresários é a escassez de crédito, que o leva a analisar os efeitos da Resolução 63, do Banco Central, uma possibilidade de empréstimos em dólares, convertidos em cruzeiros pela instituição.

Pereira afirma que, atualmente, a taxa anual de juros para empréstimos do Exterior é de aproximadamente 103%, enquanto internamente alcança de 130 a 140%. “O governo incentiva a busca de recursos no Exterior, diante da escassez de crédito interno. Entretanto, o empresário tem receio de que haja uma paridade cambial, que torne difícil suas exportações, porque nosso principal problema não é a qualidade, mas o preço dos produtos”, comenta.

Por outro lado, segundo ele, para manter o incentivo da Resolução nº 63, o governo precisa maiores juros para captação de recursos internos. “Assim — pergunta — como manter a taxa de inflação a 80% este ano?”. O presidente da Anapemei fala, então, que internamente os descontos de duplicatas, por exemplo, “não passam de uma forma de financiamento”.

Claudio Rubens Pereira acrescenta que o ciclo econômico das pequenas e

médias empresas do ABC, que são intermediárias do setor automobilístico, na grande maioria dos casos, ampliou-se de 80 para 135 dias entre a chegada da matéria-prima e a saída do produto acabado. “Temos portanto quatro meses e meio sem retorno do capital aplicado, que tem de ser coberto por custos financeiros. Enquanto isso, vemos que os custos da matéria-prima aumentam, o ciclo econômico de produção está ampliado e o preço do produto acabado diminui pela economia de mercado.”

Para o dirigente da entidade empresarial, a redução da jornada de trabalho, discutida na Volkswagen, “não é solução para a indústria intermediária”. Frisa que se as montadoras de veículos adotarem esse critério, a situação tende a piorar, “vai ficar preta”. Concentram-se no ABC, afirma Cláudio Rubens Pereira, aproximadamente 5.500 pequenas e médias empresas, 80% delas fornecedora das indústrias automobilísticas. “Não há estrutura que viabilize acordos com este número de empresas, pois a redução depende de apreciação do Sindicato dos Metalúrgicos. O sindicato precisaria, no caso, realizar cerca de 200 assembleias diárias para tanto. Até que este processo se desenvolvesse, as montadoras estariam encerrando seu período de redução, ao tempo em que aumentariam seus pedidos às pequenas e médias empresas, então sem capacidade produtiva equivalente.”